



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Notícias da macacada

Enquanto o mundo explode, um leitor solicita que eu mande notícias dos macacos-prego que visitam a minha casa, situada em um condomínio horizontal, fronteira a uma mata cerrada. Bem, não sei se tenho novidades, mas tentarei evocar a macacada.

Começarei pelo momento da chegada, que é mágico. Primeiro, a gente ouve um barulho de mato se mexendo. Só que é um alvoroço aéreo, de pulo em pulo, no

caminho dos galhos. De repente, os macacinhos aparecem desconfiados, com os olhinhos reluzentes e atentos.

Fico impressionado com a habilidade deles na copa das árvores. Fazem acrobacias de deixar o Cirque du Soleil no chinelo. Nunca vi nenhum escorregar ou despençar por causa de um movimento em falso. Quando os vejo no alto, tenho vontade de repetir o comentário de Rubem Braga ao assistir um sujeito fazer malabarismos sobre cordas a 20 metros de altura: “Eu quero ver é aqui no chão”.

Pois, numa tarde, vi um macaco andar sobre uma cerca de arame farpado com a maior fleuma, sem dar sequer uma olhadinha onde pisava. Fiquei tenso, estático, prendi a respiração, com medo de

fazer um movimento. Ele podia se assustar e ferir-se. Mas, logo, saiu incólume do arame farpado, pulou num galho, deixou as folhas das árvores remexidas e sumiu na mata.

Certa madrugada, acordei sobressaltado com o som do que me parecia o de uma pelada de futebol no telhado da casa. Só escutava o barulho da correria de um lado para outro na disputa feroz da bola.

Levantei-me, abruptamente, com o coração disparado. Esperei um pouco para ver se estava sonhando. Porém, de repente, avistei um macaco de olhos arregalados, com a cara colada numa faixa de vidro no alto. Abri uma porta e atirei uma pedra nas árvores para ver se a turma da pelada fugia.

No entanto, fora de forma e sem aquecimento, torci o braço e tive de fazer um mês de terapia. O pior é que o fisioterapeuta se preocupava mais com a saúde dos macaquinhos do que com a minha: “Trata bem os macaquinhos, viu?”, lembrava sempre.

Tratá-los melhor é impossível. Embora meu quintal não seja muito grande, plantei mangueira, goiabeira, amoreira, aceroleira e pitangueira (a minha fruta predileta). Pois bem, as fruteiras se tornaram, praticamente, exclusivas dos macacos. E, mesmo assim, eles provocam muitos transtornos.

Na época das chuvas, dão prejuízos grandes. A turma é bem-humorada, mas muito bagunceira. Alcança, facilmente, o

telhado e se diverte jogando as telhas para o alto. Numa noite, caiu um temporal, surgiram goteiras de todos os lados, era preciso colocar um balde ou bacia para apagar a água.

Inúmeras vezes, tive de pedir ao senhor Hermínio que subisse e substituisse as telhas quebradas. Irritado com os macacos, um vizinho resolveu tomar uma decisão drástica: cortou todas as fruteiras. A verdade é que somos nós os invasores.

Os macaquinhos me dão muito prejuízo. Mas, também, muitas alegrias, com ou sem isolamento social. Ajudaram-me a escrever várias crônicas. Salvaram-me muitas vezes quando estava no sufoco. Valeu, macacada!

VIOLÊNCIA / Apesar do estado avançado de decomposição, perícia trabalha com a hipótese de Shirlene Ferreira da Silva, 38 anos, e Tauane Rebeca da Silva, 14, terem sido mortas com arma branca. A mãe tinha um ferimento no tórax, e a filha, no pescoço

Suspeita de esfaqueamento

» EDIS HENRIQUE PERES

A morte de Shirlene Ferreira da Silva, 38 anos, e da filha Tauane Rebeca da Silva, 14, segue em investigação pela Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF). Os corpos foram pericados no local em que estavam parcialmente enterrados, a cerca de 500 metros da margem de um córrego no Sol Nascente, na manhã de ontem. Por volta de 11h, o Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) levou as vítimas para o Instituto de Medicina Legal (IML). Médicos legistas suspeitam de que as mortes foram provocadas por esfaqueamento, a mãe tinha marcas de golpe no tórax, e a filha, no pescoço. As duas saíram, no último dia 9, para tomar banho no curso d'água que fica próximo a casa onde mora a família e, desde então, estavam desaparecidas. Elas foram encontradas na segunda-feira por agentes da 23ª Delegacia de Polícia (P Sul), depois de 11 dias de buscas, em estado avançado de decomposição.

Devido a região onde os corpos foram localizados, a investigação passou a ser conduzida pela 19ª Delegacia de Polícia (P Norte).

“Vamos instaurar o inquérito policial. Os corpos foram para a perícia técnica, e vamos ouvir a família e alguns vizinhos. Estamos diligenciando na 23ª DP para ver o que eles têm de elementos e provas. Por enquanto, está bem incipiente. O estado de decomposição do corpo também não proporcioneu uma boa perícia no local. Não deu para verificar vestígio de violência sexual, abuso ou violência física. Os corpos estavam com muito barro”, detalha o delegado da 19ª Gustavo Augusto.

Segundo Gustavo, sem o laudo pericial, não é possível precisar o tempo que os corpos ficaram expostos ao clima e a ataques de animais. “Já tinha urubu circulando na redondeza. Inclusive, foram eles que fizeram os policiais atravessarem e encontraram os indícios para encontrarem o local. Apesar disso,

o ponto estava bem intacto. Em geral, o laudo da perícia demora até dois meses para sair, mas pode ser mais rápido”, adianta. Apesar de as vítimas terem sido encontradas na segunda-feira, não foi possível resgatar os corpos no mesmo dia devido às precipitações.

Três vidas perdidas

Shirlene estava grávida de quatro meses, ansiosa para fazer a ecografia e descobrir o sexo do bebê. Mãe de três filhos — um de 21, Tauane, de 14, e o caçula de 12 anos —, Shirlene é descrita pela irmã Shirlei Vieira da Silva, 39, como uma mãezona. “Ela fazia tudo pelos filhos, se dedicava a eles e à casa. A Tauane era uma menina ainda, não via maldade em nada, para ela tudo era uma festa”, relata a cabeleireira e moradora de Samambaia.

A família de Shirlei mudou-se do Maranhão para o DF quando as duas irmãs ainda eram jovens. “Eu tinha 12 anos, e ela (Shirlene) tinha 11 anos. Viemos morar em Ceilândia. A Shirlene queria muito montar um negócio para ela nos últimos tempos. Chegou a ter uma lojinha de roupa, um bazar, mas quando veio a pandemia, ela fechou tudo e vendeu as coisas que tinha”, lembra.

Com a morte da irmã e sobrinha, Shirlei confessa que a família está sem reação. “Meu cunhado (marido de Shirlene) e todo mundo não sabe o que fazer. A minha irmã não era de sair de casa, ela não dormia fora, a gente sabia que tinha acontecido alguma coisa para ela não aparecer. Desde que perdemos nossa mãe, sempre fomos eu e ela, éramos muito unidas. Estava muito feliz esses últimos dias, principalmente com a gravidez. Pensar que isso tudo aconteceu dói muito. E não ter podido ajudar, não ter podido fazer nada, é algo que machuca muito”, lamenta.

O Centro de Ensino Fundamental 19 de Ceilândia (CEF 19) prestou homenagem a Tauane e Shirlene na manhã de ontem. A jovem era aluna do 7º ano do colégio. Amigos

de sala e professores confeccionaram cartazes, e todas as turmas, na entrada do turno matutino, na porta da escola, fizeram um minuto de silêncio e executaram, no aparelho de som da escola, a música *Noites traiçoeiras*. Uma faixa com os dizeres “Comunidade do CEF 19 em luto pela nossa aluna Tauane Rebeca e sua mãe” foi colocada no local. “Fizemos uma foto do momento e queremos enviar à família depois, se for possível, como uma pequena homenagem, para prestar nossos sentimentos neste momento. Estamos todos muito tristes e consternados”, descreve a vice-diretora do CEF 19, Eliane Gomes.

Buscas

Um dos atuantes nas buscas realizadas pelo CBMDF, aspirante oficial Martinelli explica o motivo de os corpos não terem sido localizados antes. “Desde o princípio, nós trabalhamos com a situação de afogamento ou cabeça d'água. A gente não tinha levantado essa situação de homicídio. Então, trabalhamos de acordo com o que o leito do rio poderia nos informar”, detalha.

O *Correio* acompanhou, ontem, o percurso realizado pelo CBMDF para resgatar os corpos. Os agentes explicaram que o principal foco era trazer as vítimas com o máximo de integridade para a família. De difícil acesso, para chegar ao local onde as duas estavam enterradas, foi necessário atravessar duas vezes o córrego da região, conhecido como Coruja. As pedras escorregadias e o leito do rio dificultavam a travessia, principalmente dos bombeiros, que retornavam, em equipes alternadas, carregando as vítimas.

A reportagem conversou com vizinhos e moradores da região, que, sob o pedido de não serem identificados, relataram que o local frequentemente é utilizado como ponto de droga. “Vem muita gente fumar droga aí. É muito perigoso”, disse um dos moradores.

*Colaborou Ana Isabel Mansur

Ed Alves/CB/D.A Press



Local onde os corpos foram encontrados é de difícil acesso, principalmente devido à chuva

FECHAMOS MAIS UM ANO EM PRIMEIRO LUGAR!

Obrigado!

Clube 105.5 fm

E preparem-se, teremos muitas surpresas em 2022.



CLUBE.FM



Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 21 de dezembro de 2021

» CAMPO DA ESPERANÇA

Antônio da Conceição Limeira, 59 anos
Celita Dias de Castro, 82 anos
Daili Porto de Souza, 87 anos
Delsuc Augusto Ferreira de Sant'Anna, 67 anos
Eneida Vieira Chaves, 86 anos
Francisca Suely Severo de Figueiredo, 85 anos
João Barreiro dos Santos, 74 anos
Jocimar Bento de Sousa, 48 anos
José Salvineto Rodrigues, 67 anos
Josué Gomes Bezerra, 90 anos
Lindalvo José Benigno da Silva, 83 anos
Sebastião Rodrigues Neves, 62 anos
Valdivino Eleoterio, 88 anos
Yara Maria Lustosa de Brito, 79 anos

» TAGUATINGA

Bernardina Marques Alves, 77 anos
Euclides Lopes Prazeres, 55 anos
Francisco de Paiva Ribeiro, 78 anos
Francisco Vieira Fernandes, 87 anos
Gabriel Azevedo de Melo, menos de 1 ano
João Vitor da Silva de Andrade, 22 anos
Lúcia Souza Nunes, 40 anos
Manuele Eusébio Filho, 90 anos
Mária Divina de Araújo, 76 anos
Neusa Rodrigues Müller, 84 anos
Rique Castro do Nascimento, 29 anos
Terezinha Tavares da Silva, 67 anos

» GAMA

Benedito Marques de Pinho, 81 anos

Gilmar Sales Formiga, 52 anos
João Borba Ferreira, 60 anos
José Jadsom Lopes da Cruz, 43 anos
Leonardo Ferreira Santos, 23 anos
Mária Terezinha dos Santos, 4 anos

» SOBRADINHO

Anselmo Almeida Silveira, 60 anos
Iury Alek Araújo da Conceição, 25 anos

» JARDIM METROPOLITANO

Bernardo Soares de Souza, 77 anos
Célia Flores Santos, 75 anos (cremação)
David Vecchi Achiamé, 79 anos (cremação)
Eduardo Costa Araújo, 59 anos (cremação)